

## **DEBATES ORIENTADOS: UMA ABORDAGEM DA APRENDIZAGEM ATIVA NO DESAFIO DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

Lucival Bento Paulino Filho <sup>1</sup>  
João Augusto Grecco Pelloso <sup>2</sup>  
Willyan da Silva Caetano <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo investiga a viabilidade da técnica de debates orientados, no contexto da aprendizagem ativa, como instrumento de despertar em grupo, sobre temas inerentes ao ideal de formação integral - propagado por autores como Maria Ciavatta e Gaudêncio Frigotto -, para estimular os alunos a se esforçarem ativamente no processo de aprendizagem e a pensar criticamente sobre o que fazem. Perscruta-se, considerando-se os desafios que a permeiam, como metodologias ativas de ensino podem auxiliar professores a criarem e/ou modificarem suas estratégias para melhorar a qualidade de ensino, não só em sala de aula, mas também no compromisso de formar um cidadão para o mundo laboral e além dele. O trabalho foi desenvolvido tendo como base da formação integral, uma educação dialógica e integrada. Acredita-se que a discussão apresentada pode apontar ao professor, um novo olhar para suas práticas, apresentando elementos que denotam que o processo de debates contribui para a *ação-reflexão-ação* em um processo de desconstrução dos alicerces firmados historicamente de um modelo de “ensinagem” que deposita conteúdos descontextualizados como forma de aprendizagem, para a construção de uma educação e um modelo mais eficiente, que traz o processo de ensino como algo que se constrói ativamente pelos ensinados, mediados pelo professor.

**Palavras-chave:** Aprendizagem ativa, Ensino, Educação Profissional.

### **INTRODUÇÃO**

Sabe-se do desafio educacional que a sociedade contemporânea enfrenta, mormente em países que não alcançaram seu pleno desenvolvimento social e econômico, como é o caso do Brasil. Somado a isso, não se pode desconsiderar que as dimensões continentais do país – também causa de suas desigualdades – contribuem para que a qualidade do ensino, seja amplamente questionada, uma vez que se faz necessário desconstruir a ideia de que existe uma fórmula metodológica miraculosa (ou mesmo única) para abarcar as diversas realidades sob a qual estão inseridos os alunos, ao tempo que se deve construir e enraizar nas práticas

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), lucivalbento@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), japelloso@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), professorwillyancaetano@gmail.com.

educativas a concepção de que esta deve ser um constante fazer e refazer, contextualizado e crítico, tendo como pressuposto a ação coletiva.

Arraijada a este desafio socioeconômico encontra-se a Educação Profissional, a qual, por estar intrinsecamente ligada às questões políticas e relações com o metabolismo de reprodução do capital (que coloca o mercado de trabalho como uma simples “venda” da força de trabalho), sofreu diversas modificações em seu projeto político-pedagógico, sem que, de modo efetivamente democrático, os principais interessados – os alunos e professores – pudessem opinar, ou mesmo entender as nuances dos decretos regulamentares promulgados ou revogados pelo poder executivo.

Destes pontos emerge a importância de práticas educativas contextualizadas e críticas, de modo a despertar o interesse daqueles que estão sendo sorrateiramente colocados à margem das decisões que apontam, e querem muitas vezes definir, o seu futuro. Assim, a inércia indicará um horizonte puramente tecnicista, em contrapartida, pela luta contra-hegemônica consciente, vislumbra-se uma perspectiva politécnica, integral.

O que se deseja evidenciar, é que as práticas educativas, em quaisquer dos níveis, não devem estar adstritas ao conteúdo das disciplinas presentes nos currículos padronizados das instituições de ensino. Devem ser instrumento para ir além, no processo de construção de homens e mulheres que, no mundo do trabalho, possam ter o senso crítico sobre o que vivenciam, e promover as mudanças necessárias na já tão criticada educação brasileira.

O homem se faz homem e a mulher se faz mulher na relação de intercâmbio com a natureza, de modo que o ato de trabalho é sempre meio de construção de sua existência social. Se a classe que vive do seu trabalho, não tiver consciência dos interesses que perpassam sua “colaboração” com a classe que vive do seu trabalho, não haverá sequer futuro utópico de modificação do *status quo*. E este é sim papel dos educadores, como formadores de uma geração: utilizar os meios disponíveis para transformar, ou ao menos iniciar o processo de transformação de uma realidade que não se mostra justa.

Assim, em consonância com o que Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) defendem, é premente a necessidade de transpor o modelo de educação profissional vigente. Propõe-se então, um estudo sobre educação profissional (na perspectiva da formação integrada dentro da concepção de um direito social universal), como ponto de partida para discussões.

Desse arcabouço, faz-se ligação aos estudos de John Dewey, que traz, no contexto de romper com o ensino instrucional, o pensar reflexivo do professor. De acordo com Leite Filho (2014), na leitura que faz do referido autor, é através dessa prática reflexiva que se pode

reconhecer que, não sendo propriedade exclusiva do professor, o conhecimento precisa e deve ser almejado pelos alunos que querem aprender.

Nesse preceito, enquadram-se técnicas denominadas de Aprendizagem Ativa, que se mostra consonante à almejada prática emancipadora, uma vez que o aluno participa ativamente do processo. Passando a exercitar a busca pelo conhecimento, toma gosto pelo pensar, discutir e sente-se seguro para propor soluções, conforme indica Leite Filho (2014).

Com base nessas concepções, este artigo foi desenvolvido com preocupação voltada à coparticipação dos envolvidos no processo educacional, mormente a necessidade de compreensão crítica em um contexto geral, para realizar a transformação emancipadora do ser, que poderá transmutá-las ao ambiente e sociedade.

Assim, divide-se em duas partes interligadas, na qual a primeira aborda a concepção da educação integral para a Educação Profissional, e a segunda apresenta a aprendizagem ativa, trazendo uma de suas técnicas – os debates orientados –, como forma de integralizar conhecimentos, para efetivação dos ideais emancipadores.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo integra projeto de pesquisa que tem como objetivo extrair anseios de instituições escolares e as percepções dos alunos, para fomentar discussões no âmbito de uma educação profissional emancipadora. Foi desenvolvido a partir das discussões realizadas na disciplina de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, do Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT).

Por meio de revisão sistemática enfocada na bibliografia do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica/IFMS, bem como artigos complementares obtidos em consulta ao Portal de Periódicos CAPES/MEC e anais de eventos, o presente estudo visa apontar metodologias que corroborem com o ideal de formação integral na Educação Profissional. Para tanto, passou-se a selecionar e avaliar criticamente os estudos, para coletar e analisar os dados.

Buscou-se, entre os livros e artigos, aqueles que apresentam aspectos críticos sobre a Educação Profissional, mas que a entendam sobre uma mesma perspectiva, qual seja: estar orientada para a politecnia, a emancipação de homens e mulheres, e não direcionada ao mercado de trabalho. Assim, o critério utilizado para seleção dos textos a serem analisados foi

o artigo conter no título ou nas palavras-chaves os termos descritores anteriormente elencados.

A dialética, *in casu*, direciona a apreensão e análise do objeto de estudo a partir das categorias tese, antítese e síntese, representativas do movimento de contradições e de suas superações. Confrontando-se os ideais de um ensino profissional politécnico e emancipador, com a realidade capitalista do mercado de trabalho, extrai-se pontos chave para o aprofundamento de discussões acerca do tema.

## **DESENVOLVIMENTO**

Evidencia-se nos escritos de autores que hasteiam a bandeira de uma esquerda progressista, com fundamento nos pilares fundamentais presentes nas obras de Karl Marx, a imprescindibilidade de integração entre o ensino propedêutico e profissional, como forma de emancipação de homens e mulheres.

Ainda dentro de parcela que refuta o pensamento marxista, não há – ressalvados interesses de manutenção do *status quo* pela classe dominante – como negar a imprescindibilidade de uma educação para além do ensino de técnicas, que proporcione a uma nova geração, potencial de atingir um ideal de sociedade o quanto mais próximo possível da igualdade. Que mal isso pode causar, seja qual for a origem dos preceitos? É evidente que a mudança, ainda que permeie a luta contra-hegemônica, só terá sentido por meio da consciência de classe, que por sua vez só será despertada por uma educação integral.

Apona Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) que o ensino médio é o expoente dessa discussão, pois estão os estudantes em meio a uma contradição fundamental entre o capital e o trabalho. Assim, muitas vezes, a instituição de ensino os coloca em uma posição de preparação para o mercado de trabalho, para o exercício profissional, e isso por si só basta, inculcando tal ideia nos seres em formação.

Assim, a formação integral, aqui tomada como sinônimo de politécnica - que mais do que um termo, é um ideal para a educação profissional -, conforme aponta Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), objetiva proporcionar a formação humana em sua totalidade, não para acumular conhecimento e exercer diversas profissões, mas para assimilar conceitos teóricos e práticos dos princípios científicos que regem o trabalho no qual exercem ou irão exercer, ou seja, entender o trabalho que está realizando e suas implicações nas relações sociais.

Há de se ressaltar que, enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, pode-se apreendê-lo de formas distintas, cabendo ao agente educacional direcionar a compreensão como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, e não como atividade histórica que pode ser aviltante, penosa, e ainda deve ressaltar a necessidade de embate à uma realidade que “aliena o ser humano de si mesmo, dos outros e dos produtos de seu trabalho na forma mercadoria” (MARX, 1980, p. 79 e ss *apud* CIAVATTA, 2005, p. 8).

A formação integral sugere, pois, restituir a integralidade do ser humano, revertendo uma fragmentação que se origina pela divisão social do trabalho, e tendo o objetivo de “superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social “ (CIAVATTA, 2005, p. 2).

Considerando que a apropriação privada da força de trabalho é fator preponderante para a precarização do labor (e dada a essencialidade do trabalho na existência humana, é também causa de desassociação da própria identidade do trabalhador), deve-se refutar as práticas educacionais mecanicistas, e prezar pela formação integral, no sentido de formar o ser humano na sua integralidade, para além do mercado de trabalho, mas situando-o no mundo do trabalho.

O horizonte que deve nortear práticas pedagógicas no ensino profissional, diante do alto grau de desigualdade social presente na realidade brasileira, é o de propiciar aos alunos o domínio e capacidade de articulação dos fundamentos inerentes às técnicas de produção, sem o enfoque específico e vazio de exercer determinada habilidade, com um fim em si mesma.

O ideal de educação integral não se sobrepõe ou distingue do ensino das áreas de conhecimento hoje tabuladas. O desafio que emerge mostra-se então transcendê-las a fim de atingir um objetivo maior de igualdade, de emancipação do ser para a sociedade, que hoje é ditada pelos interesses do capital.

### **Debates orientados como técnica de abordagem da formação integral**

A formação integral é um ideal que deve ser materializado tendo a plena ciência de que não é possível apontar uma única metodologia ou prática que possa ser aplicada indistintamente a qualquer realidade educacional, para fomentá-la.

Portanto, ainda que o professor esteja arraigado aos preceitos da formação integral, é a prática reflexiva sobre si, o ambiente, os alunos e estrutura disponível, que definirá a forma de

sua realização, para que não seja algo tão vazio quanto o ensino por depósito de conteúdo, a que se refere Paulo Freire.

Apresenta-se, pois, neste estudo, os debates orientados, que não é uma técnica inovadora ou ligada aos novos conceitos do mundo digital, na verdade, o ato de debater é uma criação oriunda da capacidade humana, própria da necessidade social de persuasão.

Por ser parte da essência humana, deve estar ligada as práticas de ensino que objetivam a formação para além dos conteúdos. Debater é ensinar e aprender a um mesmo tempo, é despertar para o novo, para o diferente, é saber que existem diversas visões sobre um tema, e que a divergência deve ser respeitada.

### **Aspectos inerentes aos debates**

Entende-se ser a técnica de debates, dentro das diversas que englobam o contexto da metodologia ativa, a mais abrangente e adaptável, mas nem por isso de menor importância, tendo em vista que não é a complexidade que ditará os “melhores resultados”, até porque não se deve analisar os resultados, e sim, olhar para o processo que está sendo desenvolvido, e avaliar tudo o que acontece durante, não no fim.

Por meio desta técnica, o professor deve orientar, a partir de um tema, que seus alunos busquem outras soluções ou reafirmação dos conceitos expostos, para além do senso comum, ao invés de apresentar uma teoria para memorização.

Os debates possuem liberdade de organização pelo mediador, sendo mote, no contexto de emancipação, oportunizar a tomada uma posição, instigar a investigação, proporcionar análise crítica e saber ouvir ideias contrárias em um debate democrático, algo de suma importância na conjuntura atual.

Em um país que tem números expressivos de analfabetos funcionais, pode-se inferir que a capacidade de argumentação, ou simplesmente apresentações verbais, encontra-se comprometida, sendo os debates meio de proporcionar experiência que envolve discussão e pesquisa, que não fixada de modo tradicional.

Nesse contexto, é importante ressaltar a convergência com a concepção de aprendizagem defendida por Lev Vygotsky. Conforme indica com Diesel, Santos Baldez e Neumann Martins (2017), a aprendizagem pela interação social, preconizada pelo psicólogo bielorusso, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, que tem seu desenvolvimento potencializado pelo convívio com diferentes e novas ideias.

Complementa Taille, Oliveira e Dantas (2019) que, para Vygotsky, as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem. O processo de formação de conceitos, portanto, permeia a interação com o mundo real, que internalizadas pelo indivíduo, restará constituído o material simbólico, que fará mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Destaca-se, para o presente estudo, a importância dos debates acerca da educação profissional e a relação com os interesses do capital, numa visão emancipadora. No entanto, a prática de debates deve permear também outros assuntos que sejam de relevância para os alunos, pois, ainda que a intenção seja a de contribuir com a formação integral de uma geração que ocupará espaço no futuro da sociedade, se for feito de forma que não desperte o interesse desses, são remotas as possibilidades de resultados efetivos.

O presente artigo, por se tratar de uma inicial abordagem da técnica de debates orientados que será desenvolvida como produto educacional em pesquisa de mestrado profissional, não traz o aprofundamento deste, no que tange aos materiais e métodos a serem utilizados, mas, o que se pode entender como uma certa linearidade é a necessidade de que haja uma preparação prévia para o debate, que pode ser embasada por um questionário do qual se extraem temas relevantes para aquele grupo.

Ao tratar de práticas metodológicas ativas, Berbel (2011) salienta ser um equívoco a preocupação centralizada na competição entre alunos, ou mesmo o controle das atividades por meio de notas. Nesse tipo de aprendizagem, a preocupação deve ser o desenvolvimento dos alunos, futuros profissionais integrantes de uma sociedade desigual, mas com possibilidade de transformá-la.

Cabe, pois, a análise do mediador, definir o modo de orientar e organizar os grupos de alunos, para que seja um processo mais eficiente. Mostra-se de grande importância ainda, durante o processo, os registros dos passos realizados, ainda que aparentemente traduzam insucessos, analisando-se a postura dos alunos em uma visão dinâmica das ocorrências.

### **Os desafios da implementação de metodologia ativa e o papel do professor mediador**

Com base em Paulo Freire, Berbel (2011) depreende que a aprendizagem que traduz relevância e capacidade de emancipação, resta impulsionada pela superação de desafios. Esses que podem advir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos – ou mesmo a

ausência de tais –, como forma de construção do conhecimento novo, ou a busca pelo até então desconhecido.

Portanto, apresenta-se a metodologia ativa de ensino como uma das formas - e não única, repise-se – da aproximação dos espaços formais de ensino com a realidade dos alunos, com impactos positivos nos processos de ensino e de aprendizagem.

De acordo com Diesel, Santos Baldez e Neumann Martins (2017), as práticas norteadas pelo método ativo têm como características principais: o aluno como centro do processo na promoção de sua autonomia, estímulo à problematização da realidade, constante reflexão, trabalho em equipe, inovação, e a posição do professor como mediador, ativador e facilitador dos processos de ensino e de aprendizagem.

Retomando capítulo anterior, mostra-se evidente que a formação integral se encontra em consonância com as características supra indicadas, o que, em um primeiro olhar poderia indicar a existência de uma solução inovadora para os empecilhos que vem enfrentando a educação.

Ocorre que a concepção do método ativo não se trata de prática recentemente difundida, sendo, na verdade, anseio de outros pensadores, como John Dewey, que, de acordo com Berbel (2011) formulou o ideal pedagógico do “aprender fazendo” no início do século XX. Assim, causa espanto o fato de que, embora difundida e debatida há muito tempo, a metodologia ativa não se mostrou prática consolidada no âmbito da relação ensino-aprendizagem.

A explicação que se extrai, é a de que as práticas, ainda que testadas em diversos ambientes, para serem efetivas, dependem do compromisso profissional e ético-político dos mediadores, além de outros fatores como motivação, tempo disponível e instrumentos para realização.

Salienta-se que Freire (1996), quando afirma que ensinar também exige a convicção de que a mudança é possível, coloca o professor diante de um futuro problemático, mas não inexorável. Partindo-se da premissa de que mudar é possível, os esforços para mudança estão sob responsabilidade do mediador: não a de assumir o dever de fazê-la solitariamente, mas de instigar e promovê-la em conjunto.

Voltando ao ideal pedagógico de Dewey, aponta Diesel, Santos Baldez e Neumann Martins (2017) que sua pedagogia se opõe à separação entre vida e educação, pois, em verdade, a escola não é uma preparação para a vida, é a própria vida. São as experiências

vivenciadas também no ambiente escolar que formam ao ser, a capacidade de se posicionar, suportar e entender, como expressão das interações sociais que permeiam a vida cotidiana.

Nesse ponto, se faz necessário pensar na ineficácia da centralização do processo no aluno, se destoadada de uma formação concreta do professor para o uso de metodologias ativas, e mais do que isso, dos ideais que a permeiam. Desprovido de referência para sua atuação de modo construtivo junto a seus alunos, de mediador passa a ser mero expectador de uma utópica motivação autônoma dos alunos.

Berbel (2011) corrobora ao afirmar que as experiências e projetos desenvolvidos na formação inicial do professor, como alternativas de atuação pedagógica, trará melhores condições pessoais e profissionais, para sua atuação. É simples: só se pode aplicar e analisar uma prática educacional, se há a completa dimensão do processo que está sendo desenvolvido.

Ainda que sejam difundidas práticas de aprendizagem que destoem do tradicionalismo de simplesmente transmitir/receber informações, ainda que seja proporcionado um ambiente em que o aluno possa autonomamente ler, escrever, discutir e se engajar a resolver problemas, é por meio do mediador que se pode tomar conclusões – ainda relativas – de que os alunos estão sendo capazes de pensar sobre o que fazem, ou apenas cumprindo metas.

Apona Freire (1996) que ensinar exige a apreensão da realidade. É dizer, ser imprescindível apreender as dimensões que caracterizam a essência da prática de ensino, não para que se adapte a ela, mas sim para transformá-la sempre que necessário, afinal, ensinar e adestrar são termos distintos, mas que na prática deturpada podem se tornar similares.

Assim, o primeiro passo para a eficácia de uma prática ativa é ser esta, também reflexiva. Não é deixar que o engajamento espontâneo dos alunos indique os caminhos do processo de ensino-aprendizagem, é entender que há diversas formas de ensinar-aprender, e nesse ponto mediar, investigando e respeitando as diferenças.

É o que Dewey defende. Conforme aponta Rodrigues (2010) o ato de pensar e refletir, possibilita ação de finalidade consciente, ou seja, prever e planejar são ações próprias do pensamento reflexivo, sendo que somente se faz possível o controle intencional e deliberado quando aquilo que nos rodeia ganha sentido, traduzindo uma relação de causa e consequências de se manejar de certo modo.

A prática reflexiva consubstancia-se, pois, em elemento transformador do cotidiano educativo, conforme expõe Schmitt (2011). É por meio dessa, que se valorizam os sentimentos que entonam a busca por verdades, e assim constroem-se relações coerentes a aos

anseios e valores que permeiam o ensinar e apreender, como prática uníssona: não ensinar ou apreender como vértices do processo educacional, mas ensinar e apreender como partes de um mesmo processo, sem lateralidade.

Complementa-se que, nesse contexto, cabe ao professor, por meio da mediação, possibilitar que os estudantes também sejam reflexivos, sendo, pois, um processo emancipatório integral, no qual os agentes educacionais conhecem a si próprios, como sujeitos reflexivos e protagonistas em seus contextos.

É o que Schmitt (2011) concebe como constante ir e vir de “ação-reflexão-ação”, que visa o desenvolvimento de uma prática cada vez mais fundamentada e condizente com as necessidades do atual ambiente educacional.

Esses desafios, tanto da metodologia, quanto do papel do professor, devem ser sempre sopesados para definição da técnica mais adequada a ser implementada em sala de aula, laboratórios, aulas de campo ou até mesmo fora do ambiente escolar.

Desconsiderar tal ponto, é corroborar para as críticas existentes quanto a responsabilização e centralização excessiva no aluno, e ausência de uma finalidade clara para a metodologia ou técnica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ressalte-se, do exposto, que o contexto histórico atual envolve a necessidade de afirmar ideais que estão para além dos interesses do capital e difundi-los, mormente em um cenário propício, dada as possibilidades tecnológicas hoje existentes, que possibilitam o amplo acesso à informação e a interligação entre pessoas de modo rápido e facilitado.

A educação é, portanto, uma instituição necessária para incorporar a população a todo tipo de transformação social, efetiva, que se pretenda. Na sociedade desigual em que vivemos, ela é “uma porta relevante para compreensão dos fundamentos da desigualdade e para a geração de uma nova institucionalidade no país” (CIAVATTA, 2005, p.17).

A educação profissional, saliente-se, encontra como empecilho, o movimento global que cada vez mais se desinteressa pela produção voltada genuinamente para as necessidades humanas e passa a suprir uma vazia necessidade de acumulação de riquezas.

Restando descaracterizado o estado social em benefício dos cidadãos, cabe à educação profissional ser um efetivo meio de transformação; cabe aos professores, se inteirarem-se do

papel de mediadores e adotar uma filosofia emancipadora, para assim promoverem essa transformação.

Portanto, a escolha da técnica de debates orientado para fins análise, está em consonância com esse objetivo transformador. É meio de potencializar o interesse dos alunos, expondo uma nova visão criadas por esses, abrindo assim o caminho para uma mudança estrutural, que indubitavelmente deve começar pela estrutura educacional, entendida como meio social de desenvolvimento. Os princípios básicos da aprendizagem ativa propugnam assim, o engajamento social do aluno com temas levados a discussão, em um processo de construção da autonomia do aprender fazendo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não se pode negar que, por causar conflito de ideias e necessidade de uma consistente argumentação (algo praticamente inexistente na prática de ensino-aprendizagem tradicional e passiva), debates causem resistência e desconfiança, mas é papel também do professor mediador, não impor uma prática, mas se tornar parte da mudança de atitude.

Aduz Berbel (2011) que as metodologias ativas permeiam o desenvolvimento do processo de aprender. Assim, a utilização de experiências reais ou simuladas, é capaz dar condição para solucionar, com sucesso, desafios advindos da realidade social.

A inserção dos debates orientados como prática usual, principalmente em se tratando de educação profissional, pode proporcionar ganhos de desempenho a alunos de modo transdisciplinar, uma vez que cientes da realidade do mundo do trabalho, seus interesse e implicações, acredita-se possam passar a ver as áreas de ensino para além de disciplinas, como meio de sua formação, de um modo mais amplo, integral.

A educação, como ato coletivo, é também amor comprometido aos ideais de emancipação. Nos termos do que Piaget defende, é possibilitar que uma nova geração faça não somente o diferente da anterior, mas que tenha capacidade de fazer mais, de ir além.

Assim, quer o presente artigo ser ponto de partida para o desenvolvimento de práticas permeadas pelo ideal de formação integral, induzindo registros das experiências docentes como meios de ampliação de reflexões, e construção de um novo horizonte educacional para a realidade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Revista Trabalho Necessário. v. 3, n.3, 2005.

DIESEL, A.; SANTOS BALDEZ, Alda L; NEUMANN MARTINS, S. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica.** Revista Thema, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 268-288, fev. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **A Gênese do decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita.** Revista Trabalho Necessário. v. 3, n.3, n.p., 2005.

LEITE FILHO, J. F. **Debates Orientados: Uma Abordagem da Aprendizagem Ativa em física para o Ensino Médio.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais) – Instituto de Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/391>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RODRIGUES, V. L (org.). **John Dewey.** Recife: Editora Massangana, 2010.

SCHMITT, M. A. **A Prática Reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo: Reflexões Preliminares.** In: X Congresso Nacional de Educação - X EDUCERE, 2011, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba: Champagnat, Editora PURPR, 2011.

TAILLE, Y. de La; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** 28ª ed. São Paulo: Summus, 2019.